

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto de Psicologia

*A criança e a relação com sua educadora: discussões em torno do lugar ocupado
pelas creches utilizando a metodologia IRDI/AP3 como mediador do olhar*

Shirley Lindenmeyer Martins

Porto Alegre, 2017

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto de Psicologia

A criança e a relação com sua educadora: discussões em torno do lugar ocupado pelas creches utilizando a metodologia IRDI/AP3 como mediador do olhar

Trabalho apresentado como requisito parcial para conclusão de
Curso de Especialização de Intervenção Psicanalítica na
Clínica da Infância e Adolescência, sob orientação da Prof^a.
Dra. Milena da Rosa Silva

Shirley Lindenmeyer Martins

Porto Alegre, 2017

RESUMO

O presente trabalho se propõe a compreender como se dá a relação entre educadoras e as crianças no ambiente da creche. A partir de observações sobre *o brincar e o estatuto da fantasia*, eixo temático de análise que compõe a Avaliação Psicanalítica aos três anos de idade (AP3), apresento alguns pontos de reflexão sobre a especificidade da função desempenhada pelas educadoras, o lugar deste profissional, o papel fundamental no desenvolvimento psíquico das crianças pequenas e a falta de preparo para abordar o lugar que são chamadas a ocupar.

Palavras-Chaves: Brincar, Fantasia, Desenvolvimento Infantil, Educação, Psicanálise.

SUMÁRIO

	Página
RESUMO.....	3
1. INTRODUÇÃO	5
2. OBJETIVO	8
3. METODOLOGIA	9
4. REFLEXÕES EM TORNO DO CUIDADO E OLHAR SOBRE A CRIANÇA...10	
4.1. Brincar, atividade importante pelo papel estruturante.....	11
4.2. Os Cuidados de Quem Cuida.....	14
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	17
6. REFERÊNCIAS	19

1. INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema “*A criança e a relação com sua educadora: discussões em torno do lugar ocupado pelas creches utilizando a metodologia IRDI/AP3 como mediador do olhar*”, surgiu quando comecei atendendo crianças com diferentes demandas, mas se fez mais presente, quando da ocasião de observar e avaliar crianças em uma pesquisa da qual participo como pesquisadora voluntária. Pesquisa esta que avalia indicadores de risco psíquico para o desenvolvimento infantil em creches municipais ou conveniadas da prefeitura de Porto Alegre. Tal pesquisa utiliza os instrumentos IRDI e AP3, criados para sustentar o projeto de pesquisa intitulado “*Leitura da constituição e da psicopatologia do laço social por meio de indicadores clínicos: uma abordagem multidisciplinar atravessada pela psicanálise*” (projeto temático Fapesp n. 2003/ Lerner & Kupfer, 2008).

Os indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil (IRDI) poderiam ser entendidos como sinais iniciais de sofrimento da criança, avaliados pelos comportamentos precoces da criança e também de interação com seu cuidador e com os demais sujeitos de seu entorno. Já a Avaliação Psicanalítica aos três anos de idade (AP3), apresenta-se como uma segunda fase da pesquisa, avaliando todas as crianças que foram acompanhadas no início da pesquisa e tem como objetivo comprovar a validade do instrumento IRDI (Lerner & Kupfer, 2008).

Um grupo de pesquisadoras de Porto Alegre, integrantes da Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS e do PPG Psicanálise: Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da mesma universidade, propôs-se a utilizar a Metodologia IRDI¹ como instrumento de prevenção de risco psíquico em crianças que frequentavam determinadas creches em Porto Alegre.

Ao levar em conta os cuidados prestados na primeira infância, num âmbito educacional como no caso das creches, faz-se importante discutir sobre os riscos para a constituição psíquica das crianças.

¹ A Metodologia IRDI define-se atualmente como um procedimento de acompanhamento do desenvolvimento psíquico feito por psicanalistas em instituições de educação infantil por meio de indicadores clínicos com valor de previsão precoce de problemas de desenvolvimento (Kupfer et al., 2014).

Após três anos de início da pesquisa IRDI em Porto Alegre, as crianças participantes desta pesquisa foram novamente avaliadas. A Avaliação Psicanalítica aos 3 anos (AP3) tem como objetivo identificar transtornos psíquicos que pudessem ter algum tipo de associação com os indicadores IRDI. A AP3 apresenta-se como um importante instrumento diagnóstico para detecção de psicopatologias precoces ou em curso.

Assim, no projeto *Avaliação Psicanalítica aos 3 anos de crianças acompanhadas pela metodologia IRDI* (Ferrari & Silva, 2016), no qual participo como voluntária em uma creche da periferia de Porto Alegre, pude observar que, por vezes, cuidados e preocupações do mundo contemporâneo desvalorizam os cuidados maternos/parentais, o olhar mais singular sobre o bebê e a criança. Observei também que o lugar que o educador desempenha, dependendo da situação, da posição que ocupa e implicação em seu ato, poderá intervir (ou não) na qualidade da relação estabelecida entre educadora-criança. Percebi que o educador é, muitas vezes, compelido a cumprir tanto a função materna quanto paterna. Mas pode operar mais na condição de desencontro quando deveria sustentar, no lugar do Outro, um desejo e uma presença capaz de permitir ao sujeito apoiar-se para constituir-se.

As creches e escolas de educação infantil têm exercido, em nossos dias, algumas funções essenciais cada vez mais cedo nos primeiros anos de vida das crianças e por períodos maiores. Lugares que estes pequeninos passam a maior parte do tempo enquanto seus pais trabalham ou ocupam-se de seus afazeres.

Faz parte desta pesquisa, sustentar que a creche tem a função de ser um auxiliar no devir do sujeito do inconsciente, pois que a educadora aparece no contexto pesquisado, como uma substituta da mãe na continuidade da sustentação necessária ao pleno desenvolvimento psíquico da criança. Porém, se a noção de “Educar” é entendida pela creche somente como aquisição da linguagem, de conhecimentos e provimento de cuidados físicos e cognitivos, resulta que o caminho que o pequeno ser humano terá que fazer para advir como sujeito talvez não seja “ajudado” por este espaço.

Vários pensamentos se aproximaram dos meus: Poderia se pensar que a este educador caberia a função de acompanhar o desenvolvimento da criança, incumbindo a ele um outro lugar e, portanto, um outro lugar que o ultrapassa à sua revelia? Que

(possíveis) lugares os educadores ocupariam na relação estabelecida com as crianças que atendem?

Assim, torna-se preocupante o que toca aos cuidados dos pequeninos, pois se uma educação dita primordial e que chegue a um bom resultado é aquela que inclui o pequeno sujeito (em constituição) no discurso, esta educação cabe aos pais/família, mas também à escola operar. Neste sentido, faz-se necessário pensar que o ambiente da creche pode se tornar subjetivante, com tanto que o educador esteja atravessado por um discurso que o sustente, o apoie e o acompanhe enquanto espaço de escuta.

O que pensar sobre a falta de preparo dos profissionais em lidar com as diferentes demandas destas crianças, fazendo um a um, dia após dia, encaminhamentos e solicitações de atendimentos a diferentes profissionais? Na maioria das vezes, a solicitação de tratamento é feita pelos pais, porém mais especificamente desta creche em questão, é dela que vem a solicitação de atendimento de seus alunos e muitas vezes estes pais nem entendem as causas de tais solicitações.

Reconhecer a creche como um lugar de cuidados, antecipação e educação nos leva a também pensar a questão da prevenção e, mais precisamente, a sua articulação com a psicanálise e os dispositivos IRDI/AP3. Pensando-os como indicadores que validarão a promoção de um laço singular e subjetivante das crianças, identificando-os como importantes para a constituição do sujeito.

A partir das observações que fiz no decorrer dos dias nesta específica creche, percebi a falta de envolvimento e valorização por parte das educadoras em relação à criança neste espaço. E por ser um espaço coletivo e que se ocupa da primeira infância, percebi um descompasso no que é estabelecido nos quatro eixos sustentados na pesquisa IRDI / AP3.

Tendo em vista tais observações, pretendo abordar, a partir da temática sobre **o brincar e a fantasia**, eixo de análise que compõe a AP3, **o lugar que a educadora pode desempenhar**, valorizando o brincar como um recurso que pode também auxiliar estes profissionais a desenvolverem as potencialidades e habilidades das crianças.

2. OBJETIVO

Este trabalho foi concebido a partir da temática sobre *o brincar e o estatuto da fantasia*, eixo temático de análise que compõe a Avaliação Psicanalítica aos três anos de idade (AP3), buscando compreender como se dá a relação entre educadoras e as crianças no ambiente da creche, discutindo o lugar deste profissional e o papel fundamental no desenvolvimento psíquico das crianças pequenas.

3. METODOLOGIA

As questões propostas para o presente trabalho foram discutidas à luz de uma revisão da literatura sobre os temas do brincar e do lugar do educador na educação infantil. Tais reflexões partiram de situações de avaliação de crianças de 3 anos de idade em uma creche conveniada à prefeitura de Porto Alegre.

Para avaliação das crianças contamos com a aplicação do roteiro para exame psicanalítico, através da utilização dos itens da síntese de avaliação diagnóstica contidos na AP3. Além disso, entrevistamos e conversamos com as educadoras e coordenação da creche. Cabe destacar que utilizamos a AP3 adaptada para o uso em ambiente de Educação Infantil para as creches. Esta foi adaptada pelo grupo de no contexto do projeto *Avaliação Psicanalítica aos 3 anos de crianças acompanhadas pela metodologia IRDI* (Ferrari & Silva, 2016). No presente trabalho não serão analisadas estas avaliações, mas sim as questões suscitadas em mim a partir da sua realização e do contato com o dia a dia da escola.

4. REFLEXÕES EM TORNO DO CUIDADO E OLHAR SOBRE A CRIANÇA

As creches e escolas de educação infantil são uma realidade na vida de bebês e crianças em nossos dias. Principalmente, no caso de famílias modernas e que vivem em grandes cidades. Desse modo, não se pode ignorar sua responsabilidade no desenvolvimento físico e mental destes pequeninos.

É no interior deste cenário que foi proposta a pesquisa IRDI/AP3 em uma creche específica e conveniada à prefeitura de Porto Alegre e trago cenas de um cotidiano vivido por um trio de pesquisadoras, ao qual me incluo.

Cena 1: “Alguns meninos e meninas muito entretidos com Legos construindo armas e castelos, outros mostravam seus trabalhos expostos na sala para as pesquisadoras. Uns corriam para lá outros para cá... As educadoras arrumavam mesas e cadeiras, pareciam não estar no mesmo espaço físico. Em determinado momento, uma delas pediu para que começassem a guardar os brinquedos, porém as crianças pareciam não escutar. Ela gritou algumas vezes para que guardassem, sem que houvesse reação das crianças”.

Cena 2: “Ao pedirmos licença para entrar na sala de maternal 2, várias crianças vieram em nossa direção. Ao entrarmos, rapidamente fomos abraçadas nas pernas e nos conduziram ao canto da sala onde já haviam três cadeiras. Ficaram ao nosso redor brincando e conversando. Uma menina próxima a nós estava chorando muito enquanto uma coleguinha tentava consolá-la. Fiz um gesto com a mão convidando-a a vir até onde estávamos e ela ali veio. Seu choro contínuo parecia não perturbar as duas educadoras. Perguntei a ela se queria sentar-se em meu colo, e ela responde que sim. Perguntei a ela o que a incomodava, que a fazia chorar e ela responde dizendo estar com saudade do pai. Uma das educadoras vem em minha direção e comenta brevemente e em tom de reclamação, que ela tem chorado por que os pais se separaram e a educadora novamente se afasta. A menina, mesmo chorando, consegue dizer o seu nome e conforme vamos nos apresentando e conversando, ela vai gradativamente se acalmando e rindo de um colega que não para de brincar fazendo-a rir... A menina para de chorar”.

Logo nas primeiras observações das crianças e seu entorno, a forma “ativa”, intensa e tumultuada de brincar destes pequeninos e a posição das educadoras, se destacaram aos olhos das pesquisadoras, como se pode também observar nas duas cenas aqui descritas. Por um lado, um intenso e desordenado barulho permeava o ambiente. Por outro, um silencioso distanciamento marcava o tom dessas relações. Estas e outras cenas me levaram a pensar sobre a pouca tolerância das educadoras ao brincar das crianças, como se o simbólico e a linguagem não tivessem qualquer ligação com o imaginário e, assim, pouca importância o ato de brincar teria na história de construção da criança.

4.1. Brincar, atividade importante pelo papel estruturante

Quando a criança brinca, ela entra num mundo da fantasia, tornando tênue o limite com a realidade. A criança tem e se dá a permissão para imaginar, ser quem não é, estar em lugares diferentes, satisfazer seus desejos, viver o inesperado e divertir-se. Podemos pensar então que em muitas ocasiões são os brinquedos que substituem as palavras, e toda a cadeia de representantes simbólicos, pois as palavras podem ser subtraídas pelas ações representadas nos movimentos de brincar.

Brincar é uma atividade cotidiana na vida das crianças.

Para Rodolfo (1990), o brincar se constitui no fio condutor, “que podemos tomar para não nos perdermos na complexa problemática da constituição subjetiva. (...) Não há nenhuma atividade significativa no desenvolvimento da simbolização da criança que não passe vertebralmente por ele (o brincar)”. É a brincadeira a forma pela qual ela resolve a maioria dos conflitos criados pelas limitações do mundo em que vive, expressando assim sua forma de representação da realidade. Pela brincadeira, ela expressa o que teria dificuldades de colocar em palavras.

Bettelheim (1984) afirma que:

Nenhuma criança brinca espontaneamente só para passar o tempo. Sua escolha é motivada por processos íntimos, desejos, problemas, ansiedades. O que está acontecendo com a mente da criança determina suas atividades lúdicas; brincar é sua linguagem secreta, que devemos respeitar mesmo se não a entendemos.

(p. 142)

O brincar é uma prática significativa, prática esta que tem uma função e assume diferentes variações dependendo do momento em que o sujeito se encontra na sua estruturação subjetiva. É no brincar que as crianças ressignificam suas perdas e angústias, que surgem os significantes e ela vai simbolizando-os.

Tomando como exemplo a cena 1, onde as crianças brincavam ativamente na busca de peças de Lego, nos encaixes que conseguiam fazer, nas dificuldades que encontravam de encaixar ou desencaixar ali ou aqui, iam como que falando e construindo a sua história. Coisas que talvez dissessem respeito de uma realidade que é só sua. A sua realidade psíquica.

Os encontros na escola se sucedem e, no desenrolar destes, novos fatos vão surgindo. Como no montar de um quebra-cabeças, que vai sendo disposto peça por peça, as observações vão sendo feitas, os questionamentos vão também surgindo a respeito de cada um e a respeito de todos. A agitação, típica da faixa etária, nos parece muitas vezes exagerada e preocupante. Algo se multiplica diariamente nas tramas do espaço escolar, algo que teríamos que refletir.

Pensamos que, para situar a importância do brincar a partir das perspectivas que fundamentam a AP3, temos que recorrer a aqueles que pensam quanto à relação com a fantasia e propõem-se a pensar o brincar como via de acesso à matriz simbólica que vai determinar o funcionamento psíquico do adulto. Jerusalinsky (2008) lembra que:

Somente na infância podemos supor uma chance de modificação de estrutura, pelo simples fato de ainda a ordem do ato (especialmente sexual e os relativos à representação do sujeito na particular cultura a qual pertence) não ter comparecido para provocar a costura entre o simbólico das significações que até ali o conduziram, e o real do já efetuado e, por tanto, imodificável. (p. 125)

O mesmo autor considera que a fantasia, cumpre um papel relevante para o diagnóstico, precisamente, a posição desse imaginário, pois o brincar “é certamente, uma forma de permitir a expressão do imaginário de um modo livremente associativo para revelar a posição da fantasia no inconsciente desse sujeito infantil” (Jerusalinsky, 2008, p. 126).

No brincar, o significante vai além das palavras, é livre e sempre conduz a algum lugar. Como a criança recebe, processa, transforma e ressignifica tudo, será como dará a direção e determinará o valor desses significantes. Os lugares que ocuparão na sua vida, determinarão a importância que irão assumir no seu desenvolvimento subjetivo. Durante as observações e também durante as avaliações psicanalíticas

realizadas no contexto da pesquisa, o brincar ocupou posição tão importante quanto a fala, sendo uma expressão por excelências das significações construídas pelas crianças.

Para Jerusalinsky (2008, p. 125), “a fantasia toma conta do psiquismo infantil, que se torna tênue o limite com o real”, o limite entre a própria fantasia e a realidade.

O autor considera que, “É uma diferença fundamental entre o adulto e a criança que faz com que, nesta, o imaginário ocupe uma posição privilegiada: a de constituir o lugar de ensaio (no sentido do drama teatral) e antecipação do que ainda está por vir”. (p. 125)

Freud, em seu texto *Escritores Criativos e Devaneios* de 1908, diz que: “A antítese de brincar não é o que é sério, mas o que é real” (1976, p. 149), referindo-se certamente a esse real como a realidade dos adultos, pois a criança leva muito a sério a sua brincadeira e dispende na mesma muita emoção. Apesar de toda a seriedade com que a criança investe no seu mundo de brinquedo, “ela o distingue perfeitamente da realidade, e gosta de ligar seus objetos e situações imaginados às coisas visíveis e tangíveis do mundo real. Essa conexão é tudo o que diferencia o ‘brincar’ infantil do ‘fantasiar’”. (Freud, 1908/1976, p.150)

Através da brincadeira a criança expressa sua forma de representação da realidade. Para estar com ela, é fundamental pensar a criança como um sujeito em devir e o quanto é importante que o educador possa considerar a sua participação na construção psíquica das crianças pequenas, pois estes podem se tornar auxiliares na promoção de saúde mental das crianças.

Flesler (2012) ao levantar a polêmica da importância do brincar na clínica de crianças, polêmica esta que foi motivo de discórdia entre tantos outros analistas, nos referenda que apesar de a Psicanálise ter sido criada inicialmente para pacientes adultos, os primeiros analistas que atenderam crianças, provavelmente se defrontaram com a incerteza e a escassa disponibilidade para seguir o método da livre associação proposto para a *talking cure* ou a cura pela palavra.

A autora indica a sua posição localizando a função e importância do brincar na clínica de crianças, pois para ela é de axial importância o lugar relevante que o brincar ocupa na estrutura do ser humano, pois que seu acesso adquire diferentes tempos constituintes do sujeito. (p.90)

Flesler localiza quatro aspectos fundamentais em relação ao brincar, sua função intrínseca e constitutiva do ser humano. Em primeiro lugar, o papel essencial do brincar na construção do pilar fundamental na estrutura do sujeito que é a fantasia. Em segundo

lugar, o ganho clínico que se obtém dando atenção à dimensão temporal na armação da fantasia e a compara a um grande edifício construído passo a passo, e que aos poucos a aquisição da realidade vai se esboçando. Em terceiro lugar, dando ênfase à leitura das manifestações particulares que o analista fará a partir do brincar e suas vicissitudes e em quarto lugar, e não menos importante, a dinâmica do jogo que, jogado na cena do mundo, se realiza entre a criança e seus pais - eu, diria cuidadores/educadores também, já que, hoje em dia, é onde as crianças passam a maior parte do tempo.

Desta forma, poderia se pensar que a contribuição psicanalítica junto à educação infantil, desde as concepções freudiana e lacaniana, forneceria subsídios para se pensar, além do estatuto do brincar, o lugar da parceria pais/educadores.

4.2. Os Cuidados de Quem Cuida

Ainda que seja certo que o sujeito, na falta de palavras, possa apelar para o recurso da ação, ele também pode ficar sem recursos diante do vivido muitas vezes esmagador.

Tomando como exemplo a Cena 2 onde a criança está chorando, chamou-nos atenção a aproximação e o afastamento repentinos da educadora, pois o distanciamento percebido dizia-nos de um “receio” em estar ali presente, de poder conversar com as crianças, dando-lhes a atenção ou o olhar para aquilo tudo que se apresentava. Como se o possível envolvimento com os pequenos dissesse de “um outro lugar”, ainda incompreensível para elas, educadoras. Talvez este sentimento reverbere trazendo à tona a angústia também antes vivida. Reatualizando-se recordações, vivências de como ela própria foi cuidada quando criança.

Para pensar esse tema é fundamental começarmos por “cuidar da cuidadora e tratar de entender as mudanças que acontecem em seu mundo afetivo, para cuidar de um bebê”(Guerra, 2013, p.38). É de se pensar como fica para esta educadora o desafio de sustentar um lugar muitas vezes enigmático.

A complexidade da conduta humana inclui um conjunto de normas no cuidado da criança pequena. Para Guerra (2013) este conjunto de normas, leva em consideração a ética dos cuidados como disparador. Para ele, “A creche tem como característica paradoxal ser o ponto de partida de uma viagem na vida de um bebê e é também assim,

em parte, para os pais e também para uma educadora, ponto de retorno às suas próprias vivências in-fantis.” (p.38)

Penso ser importante refletirmos sobre uma questão muitas vezes difícil de resolver, a de pensar o lugar dos profissionais em relação ao lugar dos pais (de seus alunos) e ao lugar de seus pais (educadoras), pois que a partir dessas experiências ou vivências, é que se dará o investimento deste profissional com os pequeninos. Ou seja, os cuidadores destas crianças estariam implicados, uma vez que um dia foram bebês e cuidados por suas mães ou por outros. Não basta uma formação específica sobre o que é desenvolvimento, mas fundamentalmente, é necessária uma disposição afetiva e especial nestes educadores.

Kupfer (2013) comenta em seu livro “Educação para o futuro” que:

Quando um educador opera a serviço de um sujeito, abandona técnicas de adestramento e adaptação, renuncia à preocupação excessiva com métodos de ensino e com os conteúdos estritos (...) Ao contrário disso, apenas coloca os objetos do mundo a serviço de um aluno que, ansioso por encontrar suas respostas ou simplesmente fazer-se dizer, escolherá na oferta aqueles que lhe dizem respeito, nos quais está implicado por seu parentesco com aquelas primeiras inscrições que lhe deram forma e lugar no mundo. (p. 125)

Tomando ainda, o exemplo da Cena 2, este educador diante de tal situação, poderá reagir com o afastamento ou tão somente oferecer “objetos do mundo” ou experiências pedagógicas vazias de significado, faltando aí o desejo e/ou investimento. A autora mencionada anteriormente, ainda comenta que “ao fornecer os objetos do mundo, a educação dá forma e consistência ao sujeito, ‘imaginariza-o’. Mas pode fazê-lo supondo essa marca vazia ou pode fazê-lo a partir da pura valorização do objeto, produzindo o universo coisificado no qual estamos hoje mergulhados”(Kupfer, 2013, p.126).

Crespin (2016) nos faz pensar sobre a falta de investimento neste profissional, daquilo que o sustente, para que este dê a sustentação necessária a estas crianças. Sustentação referendada pela autora como “substituição aos pais pontualmente”, já que estes educadores normalmente estão presentes e assumindo seus filhos durante sua ausência diária. Este tempo, que seria suficientemente importante, teria um grande

impacto na estruturação da criança. A mesma autora observa que: “Para que o encontro se produza, é necessária, do lado do bebê, uma apetência simbólica e uma capacidade de entrar em contato; do lado do outro, um lugar simbólico viável e um investimento libidinal – em outras palavras, é preciso desejo”. (p.25)

O cuidar na creche ou escola de educação infantil, faz marcas subjetivas. Marcas estas que possibilitarão à criança usufruir de um lugar a partir do qual possa advir como sujeito.

Mariotto (2009) assinala que “a transmissão das marcas que permitem um sujeito situar-se numa linguagem e filiação é de exclusividade parental”, porém a educadora também pode transmitir marcas num lugar de continuidade da função materna. “A creche também estaria incluída como lugar participante na composição da geografia psíquica dos bebês.” (Mariotto, 2009, p.26)

Nestes ambientes, solicitados a receber cada vez mais crianças menores, é importante ressaltar que se tem observado que as educadoras não possuem necessariamente uma formação que as prepare para abordar o lugar que são chamadas a ocupar. Neste sentido, o saber da Psicanálise, enquanto espaço de escuta, poderá ser operativo para um educador, se ele puder se apropriar desse saber ou, pelo menos, ouvir o que ela tem a dizer à educação, produzindo neste (educador) efeitos, modificando assim a sua relação com seu aluno. Não a Psicanálise do tratamento padrão, mas a teoria que permitirá ao educador considerar o sujeito.

Kupfer (2013) salienta que, quando um educador educa levando em conta o sujeito, mesmo que este esteja marcado e determinado por inscrições primordiais, estas marcas ou inscrições lhes darão (ao educador e ao aluno) a possibilidade de trilhar um caminho, não predeterminado, mas um caminho pelo mundo, na qual irão se encaixando os objetos que a vida irá lhe oferecer. (p.125)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste estudo pôde-se identificar a necessidade da implantação de ações preventivas, dirigidas às educadoras, para dar-lhes suporte no exercício de sua importante função. Função esta fundamental, pois que também participam da tarefa inicial e essencial de constituição psíquica das crianças.

Por outro lado, ao se compreender a educação como forma de discurso, lança-se o olhar sobre o Educar, a ponto de afirmar que o conceito de educação recai sobre o de laço social. Kupfer (2013) afirma sob esta perspectiva que, “educar torna-se a prática social discursiva responsável pela imersão da criança na linguagem, tornando-a capaz por sua vez de produzir discurso, ou seja, dirigir-se ao outro fazendo com isso laço social” (p. 35), o que no meu ponto de vista, aconteceria também a partir das relações estabelecidas entre educador/aluno.

Em se tratando de um trabalho realizado com crianças, torna-se indispensável considerar a importância do brincar e das fantasias no seu dia a dia. Este eixo temático que permeou o trabalho de observação e aplicação do instrumento, se apresentou como via de expressão do imaginário de um modo livremente associativo, porém também, um indicativo de quando algo não ia bem.

Através da avaliação psicanalítica foi possível investigar e até, em algumas situações, intervir na qualidade da relação estabelecida entre educadora-criança, pontuando ou mesmo questionando quando necessário, sobre as práticas educativas observadas. Muitas vezes, nos pareceu certo descaso por parte das educadoras, como que infantil que era, nada produziu e portanto, sem importância. No entanto, se apreciarmos a brincadeira, observaríamos o brincar como um fenômeno que se constrói com a própria história da criança.

Por meio do trabalho teórico e de observação expostos, é importante ressaltar a coerência dos pressupostos teóricos aplicados através dos dois instrumentos IRDI/AP3, como forma de detecção de possíveis situações de risco para o desenvolvimento psíquico na primeira infância no ambiente de educação infantil. Observamos que as contribuições diagnósticas da AP3 revelaram seu valor no que diz respeito à possibilidade de identificar alguns sintomas clínicos na infância em um tempo que se pode dizer inicial. Tempo este, do brincar, das fantasias expressas em brincadeiras,

ponto central de articulação entre o que se identifica como problemas no desenvolvimento e possibilidade de intervenção.

Para uma futura pesquisa penso ser importante oferecer um espaço de escuta às educadoras, sustentados por uma escuta psicanalítica e pautados por discussões referidas aos eixos dos IRDI / AP3, propiciando discussões em torno dos discursos e práticas educativas. Assim, penso que se poderia auxiliá-las a se apropriarem de outras posições discursivas transformando suas queixas e dificuldades na produção de novas significações. Para tanto, objetiva-se colaborar para a criação de um espaço reflexivo com troca de experiências e saberes, gerando questionamentos quanto à prática diária do cuidado das crianças.

REFERÊNCIAS

- Bettelheim, B. (1984). *Uma vida para seu filho*. Rio de Janeiro: Campus.
- Crespin, G. (2016). *À escuta das crianças na educação infantil*. São Paulo: Instituto Langage.
- Flesler, A. (2012). *A psicanálise de crianças e o lugar dos pais*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Freud, S. (1908[1907]). *Escritores Criativos e Devaneios*. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro, Imago, 1976.
- Ferrari, A., Silva, M. (2016). *Avaliação Psicanalítica aos 3 anos de crianças acompanhadas pela metodologia IRDI*. Projeto de Pesquisa. UFRGS.
- Fraiberg, S., Adelson, E. & Shapiro, V.(1994). Fantasmas no quarto do bebê: uma abordagem psicanalítica dos problemas que entavam a relação mãe-bebe. *Revista do CEAPIA*, 7(7), 12-34. (Original publicado em 1983)
- Giongo, A. L. (2005). Histórias para brincar. *Correio da APPOA*. n. 136, 36-48.
- Guerra, V. (2013). *A ética dos cuidados: o complexo arcaico e a estética da subjetivação*. In: Marin, I. K. e Aragão, R. O. Do que fala o corpo do bebê. São Paulo: Escuta.
- Jerusalinsky, A.N. (2008). *Considerações acerca da Avaliação Psicanalítica de Crianças de Três Anos – AP3*. In: R. Lerner & M.C. M. Kupfer (Orgs.), *Psicanalise com crianças: clinica e pesquisa*. São Paulo: Escuta.
- Kupfer, M.C.M. (2002). *Pais: melhor não tê-los?*. In Rosenberg, A.M.. *O lugar dos pais na psicanalise de crianças*. São Paulo: Escuta.
- Kupfer, M. C. M., & Lerner, R. (Orgs.) (2008). *Psicanálise com Crianças: clinica e pesquisa*. São Paulo: Fapesp/Escuta.
- Kupfer, M.C.M., Bernardino, L. M. F., Jerusalinsky, A., Rocha, P. S. B., Lerner, R. et al (2008). *A pesquisa IRDI: resultados finais*. In R. Lerner & M.C. M. Kupfer (Orgs.), *Psicanalise com crianças: clinica e pesquisa*. São Paulo: Escuta.
- Kupfer, M.C.M. (2013). *Educação para o futuro: psicanálise e educação*. São Paulo: Escuta.

Kupfer, M.C.M., Bernardino, L.M.F., Mariotto, R.M.M. (Orgs.) (2014). *De bebê a sujeito: Metodologia IRDI nas creches*. São Paulo: Escuta/ Fapesp.

Lajonquiere, L. (2004). *A criança, a família e a escola*. LEPSI/USP.

Mannoni, M. (1923/ 1981). *A primeira entrevista em psicanálise*. Rio de Janeiro: Campus.

Mariotto, R.M.M. (2003). Atender, cuidar e prevenir: a creche, a educação e a psicanálise. *Estilos da Clínica*. V. 8 n. 15. São Paulo.

Mariotto, R.M.M. (2009). *Cuidar, educar e prevenir: as funções da creche na subjetivação de bebês*. São Paulo: Escuta.

Oliveira, L.G.M. (2010). *A transferência no trabalho com pais na instituição*. In: Lugar de Vida: vinte anos depois. Kupfer & Pinto (Org.). São Paulo: Escuta, 2010.